

UM DIÁLOGO PSICANALÍTICO COM O FILME “ATERRORIZADA: ALGUNS APONTAMENTOS”

Vivian Madeira Farias (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Raphael Edson Dutra (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Aracéles Frasson de Oliveira (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: vivianmadeirafarias@gmail.com

O estudo de caso proposto surgiu com base no Projeto Psico-pipoca, desenvolvido pelo curso de Psicologia da FAMMA. Pensar as relações e as diversas possibilidades na relação entre psicologia e cinema é algo que tem sido estudado há algum tempo. Desta forma, nos propomos a analisar o filme “Aterrorizada”, tendo como base os pressupostos da Psicanálise. Com o objetivo de analisar o desenvolvimento psíquico da personagem principal do filme, uma jovem internada em um hospital psiquiátrico e que após sofrer um trauma de infância tem sua personalidade fragmentada em outras 6 como um mecanismo de defesa em relação a experiência vivenciada na situação que originou o trauma. Essa fragmentação da personalidade é explicada por Freud enquanto uma ruptura do Eu, onde as diferentes identificações apoderam-se sucessivamente da consciência. Cada personalidade corresponde a uma fase da vida, a uma forma específica daquilo que ela viveu, assim como uma forma de esquecer e fragmentar as lembranças, evitando desta forma o sofrimento psíquico. Há a personalidade que sublima o sofrimento por meio da arte, aquela que representa a criança e sua inocência, a protetora, a sexualizada é a que carrega a culpa e um conseqüente desequilíbrio. Isso nos mostra que todas são partes que compõem uma subjetividade, mas que esta só consegue lidar com os conflitos se estiver fragmentada. O trauma é analisado a partir de Freud (1915/1976), que dizia haver três significações no plano psíquico – um choque violento, uma efração e uma conseqüência sobre o conjunto de organizações. Para ele o trauma é reprimido e deve permanecer inconsciente, por isso a personagem não tem consciência das demais personalidades que ela sustenta, sem ao menos se recordar de quem realmente é. Como tudo aquilo que causa desprazer é então recalçado, e o que for recalçado continua sempre ativo no inconsciente, essa fragmentação torna-se a única forma dela se “livrar” dos desprazeres vividos na infância, assim sendo, as atitudes que ela tem enquanto outra personalidade são manifestações inconscientes. Durante o tratamento, é frequente as crises de ausências, e isso poderia ser explicado pelo fato de estar acessando conteúdos inconscientes, o que resulta em uma grande resistência. Este termo é empregado na Psicanálise como sendo um conjunto de ações e reações do paciente, que, dentro do contexto do tratamento resultará em obstáculos para o desenvolvimento da análise. O clímax do filme é quando uma das personalidades começa a matar as demais, até o ponto em que tenta matar a própria personagem, mas na verdade essa personalidade “ruim” é a personagem em si, que por meio do processo terapêutico começa a tentar matar as demais personalidades e se integrar em si mesma. O que nos chamou a atenção é que a última personalidade a morrer é a da criança, simbolizando claramente a dificuldade de acessar os conteúdos vividos nessa fase. Desta forma, é possível afirmar que por meio de uma filmografia, pode-se identificar e analisar indivíduos com uma riqueza de detalhes impressionante, o que torna essa uma ferramenta didática de grande importância.

Palavras-chave: Psicanálise. Cinema. Interfaces da Psicologia.